

ESCRITAS NEGRAS IMPORTAM: MARIA FIRMINA DOS REIS E SEU ROMANCE *ÚRSULA*

Régia Agostinho da Silva¹

Bruno dos Santos Nascimento²

Pedro Lázaro Oliveira³

Resumo: O presente artigo visa discutir o romance *Úrsula* (1859) da maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerada pioneira na escrita feminina, antiescravista e de autoria negra no Brasil. A intenção do artigo é justamente analisar e mostrar os pontos do romance nos quais Maria Firmina dos Reis inaugura e expõe o discurso antiescravista na literatura brasileira. Como uma autora negra, que apesar de novos estudos e publicações de seu romance nos anos 2000, ainda se encontra relativamente desconhecida de grande parte do público. Ao longo do artigo analisamos três personagens africanos e afrodescendentes do romance: Túlio, Preta Susana e Antero, percebendo assim como o discurso antiescravista de Maria Firmina dos Reis se construiu e como a autora enfrentou a sociedade escravista e racista através das representações literárias.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Antiescravismo; Escrita de autoria de mulher negra.

Abstract: *This article aims to discuss the novel *Úrsula* (1859) by Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917), from Maranhão, regarded as a pioneer in women’s writing, anti-slavery and of black authorship in Brazil. The intention of the article is precisely to analyze and show the points of the novel in which Maria Firmina dos Reis inaugurates and exposes the anti-slavery discourse in Brazilian literature. As a black author who, despite new studies and publications of her novel in the 2000s, is still relatively unknown to a large part of the public. Throughout the article, we analyzed three African and Afro-descendant characters from the novel: Túlio, Preta Susana and Antero, thus realizing how Maria Firmina dos Reis’s anti-slavery discourse was constructed and how the author faced the slave and racist society through literary representations.*

Keywords: *Maria Firmina dos Reis. Anti-slavery. Writing authored by a black woman.*

Introdução

¹ Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de História da UFMA/Professora permanente da Pós-Graduação em História da UFMA. E-mail: <ruaformosa@hotmail.com>.

² Graduando em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: <brunobs2098@gmail.com>.

³ Graduado em Letras pela Faculdade Pitágoras de São Luís. Graduando em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Prof. do Instituto Educacional Shekna em São Luís – MA. E-mail: <pedro.jumper18@gmail.com>.

Durante muito tempo, a pena literária e o protagonismo intelectual estiveram nas mãos masculinas. Realidade ocidental longeva, realidade brasileira desde sua dita descoberta e, ainda, realidade maranhense sob o epíteto de “*Atenas Brasileira*”.⁴ Como mostra Bourdieu (1996), uma vez constituído o cânone, ou seja, as regras, padrões, sistemas simbólicos e de prestígio que qualificam se uma obra literária merece ou não reconhecimento estético, se constitui também a exclusão de outras obras, entendidas como bens simbólicos de menor importância. Ora, quem estabelece o cânone são aqueles cujo protagonismo é definido a partir de um lugar social, com atores específicos e interesses bem definidos. No Maranhão do século XIX, o cânone e os lugares de produção intelectuais são intrinsecamente masculinos, os *Atenienses*, depois *Novos Atenienses*⁵, encabeçaram o mito da *Atenas Brasileira*, e junto a isso, relativizaram, ocultaram e comandaram o esquecimento de uma das maiores escritoras do Maranhão e do Brasil; em contexto e condição tão adversos: afrodescendente, professora e, que escreveu, talvez, segundo Morais Filho (1975), o primeiro “romance original brasileiro” - *Úrsula* (1859): romance antiescravista com ocultos significados transgressores e em admiráveis aspirações de liberdade - Maria Firmina dos Reis, uma mulher que ousou ser aquilo que não lhe cabia, às margens do prestígio literário e do reconhecimento social.

Ser mulher no Maranhão oitocentista significava estar no lugar social de sujeição e subalternidade em relação à *dominação masculina*, termo que foi cunhado por Bourdieu (2003) e que nos serve de norte para compreendermos como as estruturas sociais masculinas naturalizam e, por conseguinte, secularizam uma dominação que se exerce em diversos âmbitos da vida social e na produção dos bens simbólicos e culturais. Dessa forma, os limites sociais eram bem definidos e hierarquizados: lugar de mulher era em casa, sendo mãe dedicada a seus filhos, esposa exemplar para seu marido, adocicada no convívio e submissa na intimidade (SILVA, 2013). As moças aprendiam a se “comportar” desse modo desde a tenra infância, enquanto os garotos tinham o trato e a polidez intelectual e artística como realidade e horizonte:

⁴ Sobre o mito da Atenas brasileira, de que São Luís tenha se constituído como berço de grandes poetas e escritores (Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gomes de Sousa) SD esse mesmo epíteto foi usado como forma de diferenciação da elite maranhense no período imperial, consultar Borralho (2010).

⁵ Grupo de literatos maranhenses que, durante a Primeira República, vincularam-se imaginariamente aos autodenominados “Atenienses” da primeira metade do século XIX, no Maranhão. (MARTINS, 2006, p. 149-162).

As mulheres eram ensinadas, desde cedo, a respeitar suas “limitações” e a não se meter em certas atividades, fazendo com que muitas delas deixassem de se enveredar pelo universo da escrita ou mesmo da política. O imaginário sobre o corpo, a sexualidade e a identidade femininas, por sua vez, cuja base de significação era e continua sendo profundamente essencialista, operava como um impeditivo simbólico bastante eficaz. (ZIN, 2016, p. 16).

Referimo-nos a uma elite que mandava seus filhos para a Europa para retornarem como doutos: médicos, advogados, em pleno exercício da boa escrita, conversação e vida pública, pautada no prestígio dos pares e na influência social. Limites ideais do bojo conservador e nascidos no seio do patriarcado. Transgressões e incompatibilidades eram vistas com maus olhos pela sociedade, justificadas, por vezes, como frutos das más criações, das péssimas companhias e do pesado espírito de rebeldia. As mulheres sofreram, consentiram, asseguraram a dominação, porém, transgrediram muitas vezes. Como em todas as construções sociais, lugar de homem e de mulher, também nessa realidade, foi objeto de imprecisões e desvios. As práticas, por vezes, não correspondem às representações⁶ sociais que se quer alcançar. Muitas vezes, elas são como aponta De Certeau (1996), a quebra da idealidade estrutural vigente e o despontar de novas formas de convívio, táticas de sobrevivência e desvio social.

Nascida na ilha de São Luís, em 11 de março de 1822, Maria Firmina dos Reis teria sido, segundo novas pesquisas⁷, filha de uma mulata alforriada e de João Pedro Esteves, homem de posses e que teria sido sócio do antigo dono da mãe de Maria Firmina – a informação do vínculo paterno consta apenas no registro de óbito de Maria Firmina, datado de 17 de novembro de 1917, como assinala Adler (2018). Foi professora concursada de primeiras letras, condição pública; uma das poucas permitidas a mulheres, mas com as devidas restrições comportamentais, tais como não serem vistas com homens, terem boa postura social e qualquer queixa seria motivo de maior atenção e investigação, como bem mostra o estudo de Silva

⁶ O conceito de representação que utilizamos aqui é de Roger Chartier que entende a representação como instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, dá/constrói/produz/cria um significado para o mundo social. (CHARTIER, 2002).

⁷ Estamos nos referindo às pesquisas de Adler (2018) que descobriu o registro de batismo de Maria Firmina dos Reis, no qual havia a data 11 de março de 1822 e não 11 de outubro de 1825, como pensava Moraes Filho (1975), como data de nascimento da autora e o nome da mãe de Maria Firmina dos Reis, Leonor Felipa, como escrava forra.

(2009). Em suma, ser professora nesse contexto, como expõe Saffioti (1976), significava ser parte da extensão do lar e da família, a mãe que cuida dos filhos de outras mães. Morais Filho (1975) também nos dá conta que Maria Firmina fundou a primeira escola mista do Maranhão, para meninos e meninas, na vila de Guimarães.

A transgressão de Maria Firmina dos Reis teve um segundo nível, agora o racial. Ela era uma mulher mulata, assim como sua mãe, o que para a sociedade da época era motivo de distinção, mas não no sentido positivo da palavra. O tráfico negreiro transatlântico já era extinto no império do Brasil por lei desde 1850 com a chamada Lei Eusébio de Queirós⁸. A existência dessa lei, no entanto, de pouco valeu para frear o processo de escravização africana iniciado nos primórdios da colonização portuguesa em terras além-mar. Os senhores de escravos mantinham suas lavouras a todo vapor com a mão-de-obra escravizada trazida de África. As representações da lei, portanto, não correspondiam às práticas econômicas dos donos de escravos. A escravidão se mantinha, mas agora sob novos aspectos, sendo um deles o tráfico interprovincial de cativos, do qual a província do Maranhão se destacava pela reserva considerável de escravizados. Como aponta Jacinto (2008), a questão racial fazia-se presente nos diversos âmbitos da vida social e cultural do Brasil e em especial do Maranhão oitocentista.

Maria Firmina dos Reis era afrodescendente. Até onde isso foi um problema para ela, é difícil precisar, mas com grande porcentagem de certeza, foi um problema para quem com ela conviveu. Mulher, afrodescendente, sujeita a preconceitos de cor e de sexualidade, Maria Firmina dos Reis consegue mais uma vez transgredir a ordem, do discurso, da postura, da dominação e da escrita. Constructo de ousadia, seu primeiro e único romance, *Úrsula*, publicado em 1859, é considerado, talvez, o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. Ousado porque tematiza “a odiosa cadeia da escravidão” dando voz aos escravizados, colocando-os em pé de igualdade com seus senhores – feito inédito até então, haja vista que, até na conversação entre os personagens não há distinção coloquial, pois, na fala, ambos, *negros* e *brancos*, usavam o português castiço -, pelo espírito de liberdade e pela aspiração humanista

⁸ Lembramos que antes da lei de 1850, houve a lei de 1831 que aboliu o tráfico transatlântico. No entanto, essa lei não foi respeitada e, mesmo depois dela, milhares de africanos escravizados foram trazidos para o Brasil. (RODRIGUES, 2000).

cristã, que visa em suas linhas conceber a humanidade como una, que destrói as diferenças e propõe a fraternidade em meio à desigualdade inventada. (DUARTE, 2004).

A obra firminiana alcançou nos últimos anos uma boa visibilidade, seja pela força do movimento negro e do feminismo negro no Brasil, seja pela produção de teses e dissertações em programas de pós-graduação de diversas áreas no país.⁹ A autora que passou muito tempo no ostracismo, a partir dos anos 2000, adquiriu a visibilidade nacional tão sonhada por meio de seu único biógrafo, José Nascimento Morais Filho (1975).

Nesse artigo, reconhecemos que muito já foi dito sobre Maria Firmina dos Reis, mas acreditamos que nenhuma obra se esgote em análises e interpretações. A obra literária é um texto aberto e extremamente rico que possibilita diversas e inúmeras leituras e essa será mais uma contribuição para que se conheça mais profundamente o trabalho dessa autora afrodescendente tão importante para as letras brasileiras e para as discussões que são ainda pertinentes e fundamentais em nosso país, quais sejam a questão da mulher e do racismo.

O romance *Úrsula*

Maria Firmina dos Reis traça uma tática para publicar seu único livro - *Úrsula*, pois sabia muito bem de sua condição social e previu uma possível rejeição. Fala da sua pouca formação como justificativa para possíveis críticas. De fato, a educação a essa época era diferente para homens e mulheres (ABRANTES, 2004). No entanto, nossa autora gozava, sim, de certa educação refinada, afinal era professora concursada de primeiras letras e dominava uma vasta bibliografia literária, que podemos antever nos autores que ela cita, como Gonçalves Dias, Bernardin de Saint-Pierre, William Shakespeare, entre outros. Acreditamos que a apresentação de seu livro é uma tática para que seja lido, bem como uma forma de defesa da autora:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. [...] Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus

⁹ Vide, por exemplo: DUARTE (2004); MACHADO (2019); ZIN (2016); ADLER (2018); TOLOMEI (2019), SILVA (2013).

pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. [...] Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (REIS, 2018, p. 93-94).

Tudo indica que a história de *Úrsula* se passa no Maranhão, sendo descrito os belos campos e lagos que aparentam ser da Baixada maranhense¹⁰. A temporalidade também não é muito precisa, mas infere-se que seja mais ou menos na mesma época da escritura do livro, tendo em vista uma rápida referência a “uma das nossas melhores, e mais ricas províncias do Norte” (REIS, 2018, p. 97), deixando claro que se tratava do período do Brasil Imperial. O romance é dividido em vinte capítulos, sendo três deles protagonizados com as falas de personagens africanos e afrodescendentes escravizados, tendo ainda um prólogo e um epílogo.

Trata-se de um romance romântico típico: a personagem Úrsula apaixona-se por Tancredo e vice-versa. Durante a narrativa existem as dificuldades para o final feliz, as ditas peripécias, e no decorrer da narrativa o leitor perceberá o encaminhamento à moda shakespeariana, no qual nem todos os finais são óbvios e quase todos trágicos. O que nos leva a essa afirmação é o desenrolar da história e a própria comparação que Maria Firmina faz do Comendador P. com o personagem Otelo da obra de Shakespeare, *Otelo, o Mouro de Veneza* (2017), dando indícios e até mesmo premeditando o final do seu romance:

O comendador cruzava o quarto com passos desordenados. Pálido como um espectro, com os cabelos eriçados, os lábios convulsos e contraídos, as comissuras dos lábios espumantes, pintava-se-lhe no todo a desesperação, e o ódio infame, e a vingança não satisfeita. Era Otelo no seu ciúme, Satanás expulso do céu e ferido no orgulho. Parecia nada ter visto, nem ouvido do que se passava em torno de si, porque continuou no seu passeio insano malgrado o ranger sinistro dessa porta, que gemeu nos gonzos como o sibilar da serpente. (REIS, 2018, p. 252-253).

¹⁰ A baixada maranhense é uma região a Oeste e Sudeste da ilha de São Luís, caracterizada por planícies baixas que alagam no período chuvoso criando lagoas entre os meses de janeiro a junho (WIKIPEDIA, 2020).

No tocante a essa análise, destacamos como ponto central da obra a capacidade com que a autora junta os fragmentos de histórias pessoais dos personagens, criando vários pequenos núcleos temáticos de forma que eles confluem em direção ao núcleo central da história, o amor entre Tancredo e Úrsula. Isto se dá com explícitas características do Romantismo, em passagens nas quais a autora pincela, com suas palavras, paisagens, poeticamente.

O principal detalhe na elaboração dos núcleos temáticos, que é o diferencial de Maria Firmina para a época, é o fato de tocarem em feridas sociais que estão abertas em pleno século XIX, algumas que se estendem até os dias atuais. Um destes núcleos pode ser percebido a partir da história da personagem Adelaide, uma mulher que rompe de certa forma com a sociedade patriarcal. Adelaide é órfã, filha de uma prima da mãe de Tancredo e adotada pela mesma, se envolve com Tancredo e acaba ficando noiva deste, mas, para desposá-la, o pai de Tancredo impõe ao filho uma longa viagem de formação em Direito e depois outra extensa viagem de trabalho, já que julgava que Adelaide não estava à altura de seu filho, visto não vir de família abastada e, sim, vivia da caridade da tia que a adotara.

No entanto, Adelaide, que numa primeira leitura mais despercebida do romance, pode ser lida como uma antagonista de Úrsula, já que diferentemente da heroína ela encarnava toda a maldade e futilidade feminina, ao fazermos uma leitura a contrapelo, como nos sugere Walter Benjamin (1996), podemos lê-la como a personagem mulher, pobre, agregada que usa os meios que tem - no caso sua beleza -, para escapar da vida de miséria. Adelaide desposa o pai de Tancredo, o que causa no mancebo um grande desgosto que acaba por iniciar a narrativa. Acreditamos que essa foi a forma que Maria Firmina dos Reis encontrou para mostrar como, de alguma maneira, as mulheres pobres poderiam se revoltar e agir mesmo dentro das malhas da dominação:

As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas as formas, de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão. (CHARTIER, 1994, p. 109).

Essa característica, de pequenas burlas - no sentido de driblar as regras impostas - por parte desses grupos periféricos, era raramente representada na literatura, no entanto é algo recorrente quando deixamos de olhar apenas os protagonistas sociais e nos debruçamos sobre a

micro-história, a história de quem é colocado às margens desse protagonismo social.¹¹ Quando percebemos que dentro desse sistema há escravos, negros, mulheres e pobres tentando sair das condições que lhes são postas, percebemos que na ficção há várias Adelaides e, na vida real, diversas Maria Firminas. No romance *Úrsula*, o que se pode perceber, é que há muito da autora nas personagens e vice-versa.

Outro núcleo temático que está presente na obra é a percepção que se tem sobre a imagem do feitor, figura tida no imaginário cultural e social como um capataz, desprezível e mau, sendo desumano na prática de seus castigos e totalmente alinhado aos mandos do seu patrão. Porém, o primeiro feitor que aparece no romance, o qual Fernando P. o chama de “Feitor Branco”, não é totalmente submisso, de forma que defende que os escravos não sejam ainda mais castigados com o aumento do serão e se recusa cometer atrocidades contra a Preta Susana,

— Às vossas ordens, senhor comendador. — (...) — Que me tragam sem detença Susana. Ouvis, senhor? Que a tragam de rastos. Que a até à cauda de um fogueiro cavalo, e que o fustiguem sem piedade, e... — Senhor comendador, — observou o homem, que recebia as ordens — ela chegará morta. — Morta?... Não, poupem-lhe um resto de vida, quero que fale, e demais reservo-lhe outro gênero de morte. O homem mordeu os lábios de indignação e perguntou: — Nada mais ordenais? — Sim, — tornou ele — quero que dobre hoje o serão destes marotos. Ah! Esta cáfila de negros, só surrados, e... — Mas, senhor comendador, — interrompeu o feitor com acento apesar seu repreensivo, e indignado — é já meia-noite, os desgraçados ainda trabalham por acabar o serão, como pois é possível dobrar-se-lhes a tarefa? — Oh! Lá!... — bradou Fernando e sorriu-se com horrível sarcasmo. — Que tal? Quem manda nesta casa? — Fartai-vos de atrocidades, já que sois um monstro, — retrucou fora de si o feitor, fixando-o com um olhar de desprezo, que ele suportou —, banhai-vos no sangue dos vossos semelhantes, juntai crimes horrendos a crimes imperdoáveis; mas não conteis mais doravante comigo para instrumento dessas ações, que revoltam ainda a um coração viciado, e que só no vosso pode achar morada. Desde já contai-me despedido do vosso serviço. (REIS, 2018, p. 238-239).

No trecho citado, quando o feitor diz “banhai-vos no sangue dos vossos semelhantes”, Maria Firmina usa um improvável personagem, um feitor, para expor seus traços humanistas, traços presentes em outros personagens, quando falam sobre igualdade e se

¹¹ Sobre as lutas dos agregados dentro das malhas da escravidão na ficção brasileira e em especial na literatura machadiana, vide Chalhoub (2003) e sobre a micro-história, vide Ginzburg (1989).

colocam contra qualquer subjugação entre os povos. O personagem “Feitor Branco” é posto como um ser humano capaz de ter empatia por Susana e por outros escravos.

Assim, Maria Firmina busca, a partir de jogos de figuras de linguagem, como antíteses, metáforas e personificações, balancear sua obra entre prosa e poesia, pois, apesar de prosaico, o romance nos traz diversas rimas internas melodiosas, característica que remete o leitor a sensação de estar lendo um poema. É perceptível e sentida a forma como a autora faz uso da poesia em suas descrições, principalmente se tratando das paisagens colocadas logo nas primeiras páginas do romance; talvez isto se dê, como aponta a obra de Candido (2002), devido às fortes influências do Romantismo, pungente à época no Brasil.

Com relação às figuras de linguagem, destacamos aqui os jogos duais de contraposição e antíteses, como quando a autora descreve uma paisagem linda:

A noite já era adiantada, e o galo, que cantara na fazenda de Santa Cruz, e que ele ouvira ao longe, veio revelar-lhe que tinha soado a hora dos mistérios, a hora em que aquele, que medita em meio aos palmares, ou sobre as ribas do mar, debaixo do nosso opulento e magnífico céu todo estrelado, enche o coração de maga poesia, e de um sentir delicioso, que vai como nuvem de incenso desfazer-se puro aos pés do trono do monarca do universo. (REIS, 2018, p. 236).

E, logo em seguida, na mesma passagem e noite, uma situação de violência é retratada contra os escravos de Fernando P., a seu mando, revelando, nas palavras do narrador que “para os demais a hora da meia-noite não tem significação” (REIS, 2018, p. 236), ou, se tinha, era o de dor:

Na casa do trabalho, muito mais frouxa lobrigava-se ainda a escassa luz de um lampião; os negros tinham recebido novas tarefas, empenhavam-se por acabá-las. Desgraçados! Não eram eles que trabalhavam por acabá-las - era o novo feitor, que com azorrague em punho ao som dos estalos os despertava. E já nem uma lágrima lhes vinha aos olhos, nem um queixume aos lábios - eram mudos; estorciam-se com a dor da chibatada, abriam os olhos, moviam-se maquinalmente para continuar o serviço, e logo recaíam naquela penosa prostração, que revela a extrema fadiga de um corpo, que descai já para o túmulo, cansado de lutar em vão contra mil privações que o desgastaram e aniquilaram. (REIS, 2018, p. 240).

Dentro do romance há também uma visível oposição de personalidades entre Úrsula e Adelaide, uma vez que essa última é percebida como uma personagem transgressora, aquela que feriu os sentimentos de Tancredo, casando-se com o seu pai por “interesse”, enquanto Úrsula é adocicada, uma representação dos bons costumes para a época, com traços angelicais e de pureza. Essa distinção é percebida em toda a obra, porém a observação se faz ainda mais notável quando a autora compara explicitamente as duas personagens, dizendo primeiramente sobre Úrsula e depois sobre Adelaide:

E a mulher cumpre na terra sua missão de amor e de paz; e depois de a ter cumprido volta ao céu; porque ela passou no mundo à semelhança de um anjo consolador. Esta é a mulher. Mas aquela, cujas formas eram tão sedutoras, tão belas, aquela, cujas aparências mágicas e arrebatadoras escondiam um coração árido de afeições puras, e desinteressadas... Oh! Essa não compreendeu para que veio habitar entre os homens; porque a cobiça hedionda envenenou-lhe os nobres sentimentos do coração. O brilho do ouro deslumbrou-a, e ela vendeu seu amor ao primeiro que lho ofereceu. Maldição!... Infâmia sobre a mulher que não compreendeu a sua honrosa missão, e trocou por outro os sublimes afetos da sua alma. (REIS, 2018, p. 230).

As dualidades presentes na obra de Maria Firmina se mostram ainda mais pungentes quando observamos o conflito entre amor, empatia, pureza, leveza em contraposição ao ódio, ciúmes, vingança e violência. Aqueles sentimentos sublimes representados, principalmente, na figura de Tancredo e Úrsula e estes sentimentos vis na figura de Fernando P, em suas ações contra Túlio, Úrsula, Luiza B., Tancredo, dentre outros, extravasando seu ódio, sua vontade e sede de vingança pelo seu ego ferido, agindo com uma violência sem limites.

Essas situações específicas de antíteses nos chamaram atenção e são momentos decisivos para o romance como, por exemplo, quando Úrsula está no bosque sozinha no pé de jatobá, refletindo, como de costume e apreciando a natureza, pensando em Tancredo, sobre os sentimentos que a animavam e se eram correspondidos pelo mancebo. Em seguida, a personagem escuta algo dentro da mata e pensa ser uma cotia, mas logo sente passos aproximando-se e então percebe ser o próprio Tancredo (REIS, 2018, p. 123-124). Este é o momento de encaminhamento para o acerto de uma história romântica com final feliz, momento em que Tancredo declara-se de forma cordial à sua amada, conta a sua história de vida e o leitor é induzido a imaginar um aparente “felizes para sempre”, porém, ressalta-se novamente os

traços shakespearianos do romance, traços que emergem com a latente introdução dos sentimentos de ódio, posse e do ciúme, mais exacerbados com o aparecimento de Fernando P.

É interessante a escolha do lugar, feita pela autora, onde o início dessa reviravolta se dá, justamente o mesmo onde Úrsula teve seu momento com Tancredo, logo depois que o mancebo parte em sua missão de trabalho, com a promessa de voltar dali a poucos dias. Úrsula novamente vai até o bosque e ali sentada no pé de jatobá que tinha gravados os nomes do casal, suspirando de saudades, escuta um tiro e um perdiz cai aos seus pés, novamente passos em sua direção e então aparece seu tio, Fernando P., personagem que mudaria totalmente o rumo da história que até então se desenhava. (REIS, 2018, p. 186-187).

Na obra fica muito perceptível o quanto a autora também está inserida nos moldes sociais da época. A representatividade de uma sociedade patriarcal fica clara no romance quando a autora coloca a figura do homem como centro da família, aquele que toma as decisões e que escolhe os caminhos que essa devia seguir, conforme suas vontades e valores. Essa afirmação de influência do meio social na obra se dá em diversas situações, tal como quando Tancredo se vê diante de uma paixão por Adelaide e precisa do aval do pai para desposar a sua amada, assim como é perceptível que Adelaide não se coloca como interessada no mancebo, mas como um “objeto” ao qual Tancredo pretende ter “posse”. Além disso, a própria representação de Adelaide é feita a partir de Tancredo, personagem masculino que detém, quase que hegemonicamente, a palavra sobre ela. (REIS, 2018, p. 132-160).

Contudo, podemos perceber que sutilmente a autora faz denúncias contra o sistema escravista vigente na época, de forma que o público leitor, contemporâneo à publicação do romance, não se sinta ameaçado, já que ela tinha consciência que escrevia para uma sociedade escravista e isto demonstra mais uma vez a perspicácia e ousadia de Maria Firmina dos Reis.

As denúncias que a autora fez abarcam a violência recorrente por parte dos senhores que tinham os escravos como objetos, valendo-se do pensamento de que os escravizados não tinham memória cultural, desumanizando-os, e a denúncia do próprio sistema escravista violento. Isto é percebido na figura de Fernando P. e nos relatos sobre Paulo B. e de como maltratavam e violentavam seus escravos. No entanto, a autora, a partir da sua visão antiescravista, que buscava dignidade social e justiça para os escravizados, usa a figura do feitor do comendador Fernando P. - citado anteriormente - como um personagem que, apesar de

branco, se apieda da preta Susana, se revoltando diante da atrocidade que seu patrão pretendia imputá-la.

Destacamos a seguir algumas outras temáticas que aparecem no romance e que demonstram a ousadia de Maria Firmina dos Reis ao tratar da escravidão no século XIX e, no que nos interessa, sob uma ótica que privilegia a visão dos personagens africanos e afrodescendentes escravizados: Túlio, Preta Susana e Antero.

“A mente! Isso sim, ninguém a pode escravizar”

Essa frase aparece em um monólogo do escravo Túlio (REIS, 2018, p. 115). A autora ultrapassa o aspecto abissal da racialidade e apresenta o *negro* escravizado como espíritoso, e tão civilizado quanto o *branco* abastado. Tancredo é apresentado como um rapaz antiescravista e que consegue compreender o *outro*. Por outro lado, Túlio é cheio de virtudes e de plena consciência de sua condição de escravizado. O encontro descrito entre Túlio e Tancredo revela um ideal humanista de Maria Firmina, permeado por uma visão cristã de igualdade e generosidade.

As amarras do corpo e do território pareciam figurar a clausura do escravizado; no entanto, para Maria Firmina dos Reis, a mente, a imaginação, a esperança, o horizonte da liberdade, essas, sim, ninguém poderia condenar à escravidão. Quem sabe ela própria, por enfrentar o preconceito, tenha dado vazão à imaginação livre. Longe dos olhos, sua mente era livre. Decerto, tal liberdade poderia, em seu entendimento, ser estendida a tudo e a todos. Acreditamos que essa é uma hipótese válida, haja vista sua história de vida e sua perseverança.

Túlio é alforriado por Tancredo, após salvá-lo da morte iminente de uma queda de cavalo. A generosidade de Túlio é recompensada com a liberdade e a generosidade de outro ser humano. Talvez Maria Firmina estivesse nos indicando um caminho utópico, que para ela poderia ser muito bem praticado: a compreensão mútua entre pessoas tão distintas no plano social. A violência aqui é posta às margens, embora, em outros momentos do romance a autora faça a denúncia das diversas atrocidades cotidianas que os escravos sofriam. Provavelmente esse seja o diferencial da ficção: apresentar-nos novas possibilidades de existência ancoradas na transformação propiciada pela recepção. Talvez Maria Firmina almejasse incitar mentes

criadoras com novas alternativas por meio da sua escrita que acreditamos ser missionária. Entende-se aqui, pois, como *missão*, a vontade que a literatura exprime ao imaginar “aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real” (SEVCENKO, 1989, p. 17).

Na trama, Túlio é um jovem nascido no império brasileiro, portanto, no seio da escravidão e que entende a liberdade como sendo a carta de alforria; não percebe, porém, quando preta Susana o alerta sobre estar iludido quanto a sua liberdade, afinal dentro de uma sociedade escravocrata, a liberdade não se conquista apenas com um papel, libertando apenas o corpo, e é o que acontece quando Túlio consegue sua alforria e simplesmente decide seguir Tancredo como forma de gratidão. Isto nos leva a fazer alguns questionamentos sobre a semântica desse posicionamento presente no romance de Maria Firmina. Túlio seguiu Tancredo por gratidão ou por que não tinha aonde ir, assim como aconteceu com diversos escravos após a abolição? Questionamos se, talvez, essa colocação de Tancredo como a figura do Libertador não seja uma primeira crítica à alforria sem um plano de assistência a indivíduos escravizados. (ALONSO, 2015).

O ponto principal quanto à figura dos escravos é que Maria Firmina dos Reis finalmente dá voz a eles: sentimentos diversos, não apenas medo e submissão, como se constata em outras obras da literatura brasileira até aquele momento que timidamente incluíam os escravos praticamente como objetos de composição de suas narrativas. Maria Firmina ultrapassa essa barreira; em sua narrativa os escravos são pessoas como quaisquer outras capazes de ter sentimentos e pensamentos, e, além disso, podiam expressá-los.

Túlio é quem inicia toda a narrativa. É ele quem primeiro demonstra compaixão, empatia e desejo de ajudar. É Túlio quem dá vida e traz esperança ao salvar Tancredo. Túlio tem a alma elevada e equiparada em semelhança à de Tancredo. E a personagem Susana rompe o paradigma de que escravo não tem memória histórica. Assim, a autora separa a figura do escravo e seus estereótipos - como indivíduo equiparado a um animal objetificado e sem cultura - de um ser humano que foi escravizado, que tem uma vida e uma história, que é pleno de cultura e capaz de articular seus próprios pensamentos e tomar suas decisões, diferentemente da grande maioria dos autores românticos brasileiros:

Os românticos brasileiros quase sempre em nada divergiram desse paradigma, pois seus textos indicam terem celebrado uma espécie de pacto com o grupo hegemônico a que pertenciam (a burguesia e os grandes proprietários de terra e de gente), de como que sua tentativa de invenção de uma identidade nacional por meio da literatura correspondeu à busca de europeizar até mesmo, e quem sabe principalmente, o indígena, numa espécie de *amerindian-face*, já que o *Negro*, ao que se sabe até o ponto atual das investigações, dificilmente fora objeto de enunciação e, quando enunciado, o fora na condição mesma de um objeto. (MARQUES, 2018, p. 31).

Sendo assim, Túlio é o primeiro personagem escravizado que aparece na narrativa em pé de igualdade com o jovem Tancredo. Duas almas generosas se encontraram, a do *branco* e a do *negro* que com um aperto de mãos selaram amizade e igualdade. Maria Firmina, portanto, provoca no leitor os seguintes questionamentos: estes dois mundos (de *brancos* e *negros*) seriam de fato tão distintos assim? Não haveria uma possibilidade outra de conviverem que não fosse por meio da desigualdade e da escravidão? Ao colocar Túlio como tão nobre quanto Tancredo, se não até mais, Maria Firmina dos Reis inaugura outra literatura, que vê o escravo no Brasil com positividade. (DUARTE, 2004).

“Era uma prisioneira – era uma escrava”

Diferente de Túlio que nasceu em terras brasileiras, preta Susana, como já apontamos, é a personagem que é trazida da África e que sofre as dores dos primeiros contatos com os senhores de escravos aqui no Brasil. Faz uma descrição memorialística de seus dias de liberdade na África e tem voz ativa e emotiva que demonstra a intenção de Maria Firmina dos Reis em tentar sensibilizar seu leitor, “Liberdade! Liberdade... Ali eu a gozei na minha mocidade!” (REIS, 2018, p. 179).

A preta Susana, como é chamada, é uma escrava que, segundo narra, tinha sua liberdade, família e terra para cultivar como quisesse na África. Susana representa a quebra do paradigma da época na qual não se via o escravo como indivíduo que possuía memória cultural. Não era permitido ao africano escravizado esse tipo de manifestação; havia uma tentativa de apagamento da sua própria história e a personagem Susana, inventada por Firmina, rompe com essa ideia.

Interessante como a tática da “inversão”, das antíteses, como já apontamos, aparece também aqui, mais especificamente na passagem: “E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os *bárbaros* a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade!” (REIS, 2018, p. 180, grifo nosso). Não se sabe ao certo a quem preta Susana se refere nessa descrição, se a outros povos africanos que a levaram, se a mercadores portugueses. Fato é que sabemos que tais pessoas foram trazidas para serem escravizadas no Brasil, vendidas como mercadorias. Por isso, intuímos que esses bárbaros no trecho citado sejam homens *brancos* em pleno processo colonial de escravização de outros povos, no caso observado, os africanos. Maria Firmina dos Reis faz a denúncia e mostra que do lugar onde tais pessoas foram arrancadas existia, sim, uma lógica societária que fora invisibilizada e implacavelmente sufocada por outra, onde a dor e o sofrimento eram cotidianos.

Preta Susana protagoniza uma das passagens mais comoventes e revoltantes do romance. É por meio dela que temos um pequeno, porém importante relato dos horrores do tráfico de seres humanos:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário a vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2018, p. 181).

A descrição ora citada antecipou em pelo menos dez anos a famosa obra de Castro Alves, *Navio Negreiro* (1869) (SILVA, 2013). Definitivamente, Maria Firmina dos Reis estava a par dos sofrimentos passados pelos africanos escravizados na travessia atlântica, talvez pelo convívio com escravos ou pelas leituras que tinha à mão. (SILVA, 2013) Maria Firmina utiliza do discurso memorialístico em preta Susana para demonstrar como a “odiosa cadeia da escravidão” foi impiedosa e massacrante. Tal discurso pretende-se uma aproximação

sensibilizante do que realmente foi esse processo que retirou milhares e milhares de africanos de sua terra para virem trabalhar sob o regime escravista no Brasil.

Preta Susana foi “peça” do Comendador P. que a maltratava, junto a muitos outros escravizados, e, depois, passou para o domínio de Paulo B., também bastante severo, até sua morte. Na trama, preta Susana morre no cativeiro de Fernando P., sob tortura e pressão psicológica. Morre acorrentada, sofrendo, pois, “[e]ra uma prisioneira - era uma escrava” (REIS, 2018, p. 180).

“Antero era um escravo velho”

Antero é o terceiro escravizado a ter uma voz singular em *Úrsula*. Ele era uma espécie de carcereiro do Comendador P. e que ficou responsável por cuidar do cativeiro de Túlio em certa passagem da trama. Aqui, destaca-se também a construção memorialística feita por Maria Firmina quanto ao plano de distinção cultural entre a cultura africana e a brasileira. Antero é muito afeito a bebidas e sua conduta é vista com maus olhos pelo seu senhor. Contudo, observa-se, a partir de seu relato, como sua inclinação ao consumo de bebidas alcoólicas e festas tinha outro significado no lugar de onde viera:

[...] no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes? [...] na minha terra há um dia em cada semana que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh, lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 2018, p. 258).

Percebe-se como as relações de trabalho parecem ser distintas. Aqui vemos a transição cultural. Antero tinha em sua terra natal um dia para festejar, brincar e beber o melhor vinho de palmeira. Mas e agora, o que tinha? Com certeza, diversão e bebedeira eram as últimas coisas que poderia ter em sua horrenda condição. Nota-se como Maria Firmina faz alusão a um processo que hoje conhecemos por transculturação (HALL, 2001). Em novo solo e condição, Antero teve de se ajustar a um novo modo de vida que negava a sua existência; mesmo assim,

o escravo velho resiste com suas lembranças de como o ritual da bebida era na África, de como havia um aspecto sagrado e digno nisso.

Antero também experiência ao lado de Túlio uma espécie de irmandade étnica. Da parte de Túlio, principalmente, percebe-se uma aversão às formas violentas de resolução de eventuais problemas. No mesmo capítulo que nos é apresentado Antero - *A Dedicção* - Túlio acaba sendo preso pelo Comendador P. e Antero passa a ser o seu vigia. Para escapar, Túlio utiliza de artimanha, tomando como estratégia o gosto que Antero tem pela bebida. Consegue embebedá-lo dando dinheiro para que se sacie de muito álcool e quando o velho escravo não consegue nem se manter de pé, Túlio concretiza seu plano de fuga. Contudo, o aspecto mais importante nessa passagem diz respeito à solidariedade de Túlio para com Antero. Para evitar que Antero seja punido por seu senhor, o Comendador Fernando P., Túlio opta por deixá-lo amarrado na prisão, para que pareça ter acontecido uma luta entre o velho escravo e seu prisioneiro. A estratégia visou proteger o escravo Antero de uma punição mais severa.

Esses três personagens escravos - Antero, Preta Susana e Túlio - demonstram o pensamento antiescravista de Maria Firmina dos Reis e os vários pontos de embate e reflexão que a referida autora colocou pioneiramente para a sociedade escravista na qual vivia.

A luta antiescravista de Maria Firmina dos Reis merece hoje ser lembrada e retomada dentro de uma sociedade tão desigual como a nossa, onde o racismo infelizmente ainda faz parte do nosso cotidiano (SCHWARCZ, 2012). Retomar a leitura de *Úrsula* e a fala antiescravista de Maria Firmina dos Reis, é necessário e fundamental, afinal “Vidas negras importam”.

Conclusão

O romance *Úrsula* não é apenas antiescravista em sua narração e construção. É um ponto fora da curva considerando o contexto social, diante dos preconceitos e moldes que ditavam a vida em sociedade. Maria Firmina dos Reis marca na história não apenas como precursora de uma literatura de autoria feminina, mas na abertura de um leque de questionamentos sobre os limites, nos diversos setores da vida social, impostos à atuação das mulheres.

Maria Firmina dos Reis teve sua voz sufocada. Após a publicação de seu romance, algumas críticas foram feitas, houve uma relativa importância dada às suas produções, e, logo, foi esquecida. Vitória do “indiferentismo glacial”? Em um primeiro momento, talvez, sim. Nossa autora morreu pobre e cega no município de Guimarães - Ma. Publicou em jornais, escreveu contos e poesias, celebrou a abolição da escravidão com um hino de liberdade. Depois, silêncio. Hoje, vemos o renascimento gradual e substancial de uma voz que sobreviveu ao tempo e a era glacial da literatura masculina, classista e, sobretudo, racista. Entre erros e acertos na tomada de sua memória, é evidente como não podemos pensar a escravidão e o anti-escravismo no Maranhão e no Brasil sem falar em Maria Firmina dos Reis. Sua escrita é rica e é uma representação do que foi a escravidão brasileira. A partir dela, pode-se pensar a Literatura e a História em um entrecruzamento de sentidos. Entre história e ficção, entre Túlio, Preta Susana e Antero, estão Joãos, Marias e Josés e sabe-se lá quantos escravizados que no Brasil a fora sofreram e morreram sem sentirem o alívio da liberdade.

Referências:

ABRANTES, Elizabeth Sousa. A educação feminina em São Luís - Século XIX. In: COSTA, Wagner Cabral da. (org.). **História do Maranhão: novos estudos**. São Luís: EDUFMA, 2004, p. 143-174.

ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In. DUARTE, Constância Lima *et al.* **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 81-101.

ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BAIXADA MARANHENSE. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Baixada_Maranhense&oldid=62258777>. Acesso em: 17 out. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Atenas Equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no império brasileiro*. São Luís: Edfunc, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil.** São Paulo: Humanitas / FFLCH / SP, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** Vol.1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.

_____. **A história cultural entre práticas e representações.** Algés-Portugal: Difel, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira (posfácio). In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A escrava.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 5ª ed., 2001.

JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. **Laços & enlaces: relações de intimidade de sujeitos escravizados. São Luís- Século XIX.** São Luís: EDUFMA, 2008.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. Estud. av.** [online]. 2019, vol. 33, n. 96, p. 91-108.

MARQUES, Eliane. Prefácio. **Úrsula: a diferença como exclusão e como desejo de reconhecimento.** In: **Úrsula.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2018, p. 25-88.

MARTINS, Manoel Barros. **Operários da Saudade: Os novos atenienses e a invenção do Maranhão.** São Luís: EDUFMA, 2006.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida.** São Luís: COCSN, 1975.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

RODRIGUES, Jaime. **O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade.** Prefácio de Antônio Cândido de Mello & Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociedade brasileira.** São Paulo, Claro Enigma, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SHAKESPEARE, William. **Otelo, o Mouro de Veneza**. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica), USP, São Paulo, 2013.

SILVA, Régia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1. P. 1-12, jan-mar. 2020.

SILVA, Rosiana Freitas da. **Amores e Desamores em Querelas jurídicas: relações de gênero em processos-crime de defloração - São Luís (1890-1925)**. São Luís: EDUFMA, 2009.

TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **Maria Firmina dos Reis, decolonialidade e escrita abolicionista na imprensa Maranhense oitocentista**. *Ex aequo* [online]. 2019, n. 39, p. 153-168.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 100f. Dissertação - PUC, São Paulo, 2016.